

A Ara de Fontes — Santa Marta de Penaguião

Análise Crítica

Depois de ter folheado e lido, com interesse, o último número da Revista da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, (vol. XXIII, fasc. IV, Porto, 1980) coisa que faço há largos anos, deparou-se-me, na rubrica *Vária*, o artigo *O Castro de Fontes (Santa Marta de Penaguião)* do Prof. Santos Júnior, págs. 620-626 e 5 Figs., referente a uma inscrição há anos minha conhecida e, por isso, também já discutida por mim com vagares de canteiro e cujo resultado foi publicado em 1958 — há vinte e três anos, portanto, se as contas não enganam — incluído num trabalho meu com o título *Onomástico Ibérico*, Porto 1958, 322 págs. e 28 Figs.

Nessa altura ainda eu possuía algum vigor e suficiente «genica» — pode-se-lhe chamar *audácia*, que já não me zango — para estas andanças epigráficas e afins, em que certas inscrições eram, normalmente, tomadas como esquipáticas charadas por certos pesquisadores — com alguma razão, aliás — e que por isso na altura, eram incluídas, pela alta sabedoria europeia, chamada a dar opinião abalizada, no grandíssimo «armazém celta» sem qualquer justificação, a não ser a da simples ignorância linguística disfarçada na atribuição de enigmas de alta sabedoria.

Perdoem-me a «alta sabedoria» que aqui é apenas generoso epíteto.

Aquela atribuição, porém, alheante e primária, feita, aliás, com certo desplante toureiro — que os bravos lidadores me perdoem, também, a comparação infeliz do «desplante» — e que era tal como o dos «celtómanos» na mastigadíssima inutilidade celta da atribuição.

Não sei, todavia, se isto era apenas jactância celtómana dos próceres que na ocasião julgavam ler o celta (que era analfabeto) ou se era simples ignorância campesina — tão lamentável — do velho idioma de Homero — o grego — .

Suponho, porém, que fossem resquícios de uma velha pecha medieval, há muito já aposentada e que corria no mundo de então, o *graecum est non legitur*, tão acabrunhante como as digestões lentas e mal elaboradas dos dispépticos.

Que o velho *Esculápio* me perdoe o destempero terapeuta que eu não sei nem quero perder tempo em aturadas investigações para o saber, que o tempo é azinha e nós já não estamos em idade de o malbaratar com demasias — perdoe-me esta inconfidência tão bilateral.

Mas, vamos ao assunto que me move.

A inscrição pela qual venho e me abalanço, é assunto a que julgava haver posto ponto final nas minhas actividades. Tem, como quase todas as que vão aparecendo, uma *divindade* a quem eram dirigidos os votos.

Essas *divindades* eram, normalmente, consubstanciadas numa *frase grega* cristalizada do velho idioma que deixou de ser o corrente na velha Lusitânia e imediações.

A *divindade Auge Cile* é, desta forma, constituída por duas palavras inseridas numa inscrição que a seguir desenvolverei para, com mais largueza a analisar e chegar a uma conclusão.

Está ela numa *Ara* encontrada na freguesia de *Fontes*, concelho de Santa Marta de Penaguião, lugar do «Castelo dos Mouros» ou «Castro do Monte de S. Pedro».

Foi estudada há anos, pelo falecido Rev.º P.º Eugénio Jalhay, arqueólogo ilustre, num artigo que publicou na *Bro-téria* (vol. XLI, fasc. 5, Lisboa, 1949, págs. 471-478) com o título — «*Ara romana inédita de Fontes — Santa Marta de Penaguião*», e por F. Russell Cortez que a estudou e publicou em *Anaes do Instituto do Vinho do Porto*, 1948, págs. 47 a 95 e 4 Figs., com o título de — *A ara greco-romana do Castro de Fontes — Novos subsídios para o estudo dos cultos orientais na região do Douro*, de que fez separata.

A *ara* está perfeita e tem a legenda completa, conforme se pode verificar na gravura das Figs. 1, 4 e 5 do cit. trabalho do Prof. Santos Júnior.

A interpretação feita pelo Rev.º P.º Jalhay é a seguinte:

AVGE
 CILEAE
 MINIA ME (bdi filia)
 VOT[VM] L[IBENS] PO[SVIT]

«À (deusa) Auge Cilea [de Cillae ou Cilla] Minia, filha de Mebdo (?) construiu (este monumento) cumprindo um voto.

Acontece ainda que o Prof. Santos Júnior em nota no fundo da pág. 525 do seu cit. trabalho, refere um encontro que teve em Lisboa, em 22 de Abril de 1980, com Russell Cortez, no qual este ilustre investigador lhe comunicou que o seu parecer sobre a *Ara de Fontes* era um voto dedicado à memória de Minerva.

Como se pode notar, as interpretações, apesar de tão curta ser a legenda, são diferentes, apresentando-se cada qual com alguma substância.

Acontece, porém, que o Dr. Russel Cortez não concordou com a opinião do Rev.º P.º Jalhay que, todavia, deu com exactidão — *Auge* (= *αὐγή*) como significando «aurora».

Para fundamentar a discordância, o dr. Cortez utilizou o dicionário de raízes de *Chassang* (edição de 1889) e a pág. 164, terceira coluna, encontrou o significado de «brilho» «luz, sobretudo do sol» e apontou-o muito cientificamente ao seu cultíssimo antagonista como prova inacatável da razão que lhe assistia, segundo o seu consenso.

Contudo, o Rev.º P.º Jalhay havia dito, com verdade, mas singelamente, que *Auge-es* ou *Auga-ae*, embora derivado do grego, era como em latim bárbaro se designava a «Aurora» (que afinal nasce com o sol...).

Mas, quer seja na edição de 1889 quer na de 1931 que tenho na minha frente, o *Chassang* tem, a pág. 199, logo na primeira coluna o significado da palavra, ou seja: — «luz», «aurora do dia» ficando a terceira coluna, embora com a mesma raiz — *αὐγή* —, as palavras que aquele distinto investigador

encontrou ἀὐγή que em dórico tem a forma ἀὐγά, e é afinal a que nos interessa como se verá.

Esta palavra, contudo, pode ter várias interpretações que rapidamente enumerarei: — «Clarão do sol» (*Il.* 17, 371; *Od.* 6, 98 etc.); «Nascer» ou «ser nascido» que lit. é «ver os raios do sol» (*Il.* 16, 188).

Em Eurípedes (*Pers* 935 e *Alc.* 667) é «raios do sol» ou «luz do dia».

Pode também ser o pôr do sol como em Píndaro (*Istm.* 3, 83), etc. etc.

Como se pode ajuizar, por esta pequena amostra, o sol, nos poetas aparece desde que nasce até que morre...

Ora a forma de que saiu a que existe na *ara* é *Auga*, dórica, portanto que tem o dativo rústico *Augue* (= *Augae*) assim como *Cile* é o genitivo rústico de *Cila* (*Cilla*) ou seja Κίλλα que normalmente se deveria escrever *Cilae*. Isto pode dar-nos a data (ou séc. III ou II, a.C.) em que não havia letras dobradas, no grego.

Nesta leitura que se me afigura a razoável, por não ser muito de admitir que no segundo nome haja um genitivo normal quando o dativo do primeiro é rústico, pelo que a interpretação que lhe dou, e que me perdoem os sábios esta intromissão, seria a segunda sem acrescentamento de prosa.

Auge Cile (= *Augae Cilae*) *Aeminia M f[ilia] vot[um] l[ibens] po[suit]*.

Cuja versão seria:

À (deusa) *Auga*, de *Cila*. *Aeminia*, filha de *M.* *cumpriu de bom grado o voto.*

O nome da divindade é Ἀὐγά (= Ἀὐγή) e deve ser equivalente a *Augea*, filha de *Aleo* rei de *Tegea*, na *Arcádia*. Seduzida por *Hércules* deu à luz *Télefo* a quem ocultou no templo de *Minerva*, de que era sacerdotiza. A deusa irritada com o desforo da profanação, castigou o reino de *Tegea* com a esterili-

dade. *Aleo* para aplacar a deusa, mandou lançar ao mar o menino. *Naupilo* encarregado da execução, entregou a criança a *Teutras*, rei da *Mísia*, que o perfilhou.

Vim até este ponto simplesmente para salientar o nome *Cila* que deve ser equivalente de *Κίλλα*, cidade da *Troada*, província da *Mísia*, na Ásia Menor.

Presumo, por isto, que os Cilénios, referidos por Plínio, tenham esta origem.

Por aqui me fico para não aborrecer mais. Com a perda de tempo que sendo um bem que depois de perdido não mais nos vem à mão.

Arq.º ROGÉRIO DE AZEVEDO

Prof. jubilado da Escola Superior de Belas-Artes do Porto,
sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e do seu Conselho Directivo

Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo

Trás-os-Montes deve ser a região da Península Ibérica onde, até à data tem sido encontrado o maior número de berrões proto-históricos, ou seja estátuas zoomórficas de granito representando especialmente porcos e javalis, mas também touros, um bode e um urso.

Em 1975 no trabalho *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. 24, Porto, 1975, págs. 353-515 registei a existência de 53 berrões no nosso país, dos quais 49 achados em Trás-os-Montes e na Beira trasmontana.

Nos últimos 6 anos tenho dado conta do aparecimento de sucessivos aparecimentos de berrões proto-históricos, quase todos mais ou menos mutilados. Alguns podem considerar-se verdadeiros destroços.